

# AS GERAÇÕES ROMÂNTICAS

**1ª GERAÇÃO ROMÂNTICA:** os indianistas, ou nacionalistas.

No período regencial, houve rebeliões de grande participação popular em oposição declarada aos antigos colonizadores. O povo brasileiro, embora constituído de diferentes etnias, buscava identidade como nação.

Na Europa, o inglês Walter Scott, com “Ivanhoé” e o português Alexandre Herculano, com “Eurico, o presbítero,” têm na idade feudo-clerical a trama de seus romances históricos. No Brasil, ao tempo da Idade Média, fizeram história as culturas indígenas. Assim, os cavaleiros, heróis e castelos europeus foram substituídos por aborígenes e matas tropicais. A primeira geração da poesia romântica idealizou o índio, por isso denomina-se, também, geração indianista.

Os caracteres românticos europeus, transplantados para o Brasil, fizeram surgir orgulho pela variante brasileira da língua portuguesa. Com a poética romântica, nasceu o desejo de nacionalizar as artes, a literatura em especial, pretendendo que à independência política se seguisse a independência cultural.

Destacam-se, nesta geração, dois poetas indianistas:

**a) Domingos José Gonçalves de Magalhães (1811 – 1882)** teve o grande mérito de ser o introdutor do Romantismo no Brasil com a obra Suspiros poéticos e saudades, que possui traços de religiosidade e têm em seu prefácio as características do Romantismo. O poema indianista épico A confederação dos tamoios apresenta o caráter nacionalista e inicia uma polêmica com José de Alencar, relativa à visão de cada autor sobre o índio.

**b) Antônio Gonçalves Dias (1823 - 1864)** consolidou o Romantismo no Brasil. O poeta maranhense trabalhou todos os temas iniciais: o indianismo, a natureza pátria, a religiosidade, o sentimentalismo, o espírito de brasilidade. Considerava-se uma espécie de síntese do brasileiro, pois era filho de português e cafuza (\*mistura de negro e índio). Didaticamente, sua obra pode ser dividida em:

- ✓ **Poesia lírica:** nela, os textos possuem traços de subjetivismo, marcados pela dor e pelo sofrimento de amores frustrados. Os poemas líricos mais famosos são. “Se morre de amor”, “Ainda uma vez - adeus!”, “Como, és tu?” e “Não me deixes”.
- ✓ **Poesia medieval:** reúne uma série de poemas escritos em português arcaico, à moda dos trovadores medievais e estão sob o título de Sextilhas de Frei Antão.
- ✓ **Poesia nacionalista:** ora exalta a pátria distante, ora idealiza a figura do índio. Os chamados poemas saudosistas são marcados pelo exílio e desembocam numa exaltação da natureza brasileira. Na “Canção do Exílio”, o poeta nunca se refere ao elemento humano, mas apenas aos elementos naturais, pois a tendência era exaltar a nação recém-independente.

Mas é no indianismo que o poeta consagra-se. Apesar de idealizado, o índio de Gonçalves Dias está mais próximo à realidade do que o índio enfocado por José de Alencar, por ter o primeiro profundo conhecimento sobre a tradição, os costumes e a língua dos nativos. Continua, entretanto, o índio dotado de sentimentos e atitudes artificiais europeizadas. Entre os poemas indianistas destacam-se “I-Juca Pirama”, “Marabá”, “O canto do piaga”, “Canção do

Tamoio”, “Leito de folhas verdes”, além do poema épico inacabado “Os timbiras”. Também consta de sua obra um dicionário da língua tupi.

Quanto aos aspectos formais, a poesia da primeira geração apresenta-se ainda atrelada a modelos anteriores. Gonçalves Dias, na “Canção do Exílio”, utiliza a redondilha maior e a rima oxítona marcada, obtendo, assim, ritmo e musicalidade. Em “I-Juca Pirama”, utilizam-se recursos da métrica e a redondilha menor.

## **2ª GERAÇÃO - MAL DO SÉCULO**

O segundo momento da poesia romântica brasileira inspira-se em Byron e Musset. Lord Byron, nobre inglês e aventureiro, identificava-se com suas personagens; era boêmio, idealista, extravagante e rebelde; deixou obras impetuosas, de espírito satírico. Alfred de Musset, francês de gênio romântico, herdeiro imediato de futuro incerto (a França arrasada pela Revolução Francesa), pregava o ceticismo e certo ar de deboche.

Características como: o individualismo, a subjetividade, o pessimismo, o ceticismo e temas como: o amor, a morte, a dúvida, o tédio, a tristeza, a angústia diante da vida norteavam os poetas brasileiros ditos ultra-românticos ou byronianos, da segunda geração. Esse conjunto de comportamento ficou conhecido como “mal do século”, escritores jovens eram excessivamente boêmios e morriam cedo por tuberculose ou pelas conseqüências da bebida.

Merecem destaque os seguintes poetas:

**a) Manuel Antônio Álvares de Azevedo (1831-1852):** foi responsável pelos contornos definitivos do “mal do século”; tinha a obra influenciada por Lord Byron, de quem era leitor e tradutor, e por Musset, de quem herdou as características do “spleen”- do inglês, baço, órgão ao qual era atribuído o estado melancólico ou depressivo, originando o sarcasmo, a ironia e a autodestruição. Suas poesias falam de um amor idealizado, irreal, povoado de donzelas ingênuas, virgens sonhadas, mulheres misteriosas que habitam sonhos adolescentes nunca materializados. Daí, a frustração, a dor, o sofrimento acalmados pelas figuras da mãe e da irmã. A morte física foi presença marcante e dolorosa em sua vida: a morte prematura do irmão, de seus colegas de faculdade e a “dor no peito” que cedo o levaria. Também a morte, em sentido conotativo, como fuga, foi abordada por fruto de sensação de impotência diante das adversidades.

Na poesia, destacam-se: “Lira dos vinte anos”: e “Poema do frade”; para o teatro, escreveu: “Macário,” e, em prosa, “Noite na taverna”, livro de contos fantásticos narrados por jovens em uma taverna. Levados pelo delírio, provocado por excesso de bebida, os jovens contam histórias que giram em torno de incestos, bacanais, necrofilia, assassinatos hediondos, enfim, tudo ao gosto de Satan, já que a “moda” era o satanismo.

**b) Luís Nicolau Fagundes Varela (1841- 1875):** influenciado por Byron, teve o pessimismo e a fuga reforçados pela morte do filho, golpe do qual nunca se recuperaria, entregando-se ao alcoolismo. Deste fato, surgiu o “Cântico do calvário”, do “Livro das sombras”. Sua religiosidade é notória e também a escravidão entra como tema de sua obra, assim como a natureza, escolhida para evasão. Produziu ainda: “Noturnas”, “Cantos religiosos”, “Diário de Lázaro”, “O estandarte auriverde”, “Cantos meridionais” e outros.

**c) Casimiro José Marques de Abreu (1839- 1860):** apresenta o amor totalmente idealizado e o lirismo saudosista. Em seus textos, há predomínio da simplicidade e da fluência; os versos, em seu poema mais famoso, “Meus oito anos”, caracterizam-se pelo aspecto direto, sem abstrações ou segundas intenções. Sua obra principal é “Primaveras”.

A esta segunda geração pertenceram também Junqueira Freire (1832-1855), monge beneditino, que manifestava em seus textos a religiosidade, o pessimismo, o desejo de morrer, revelados em “Inspirações do Claustro”. Há, ainda, Laurindo Rabelo (1826-1864) e José Bonifácio, o moço (1827-1886). A produção literária desta geração apresenta-se desvinculada de rígidos modelos quanto à métrica e à rima. São, portanto, predominantes os versos livres e brancos, a estrofação livre ou inexistente, simetria e paralelismo não recorrentes.

### **3ª GERAÇÃO – CONDOREIRA, OU HUGOANA**

Caracterizada pela poesia social e libertária, essa geração reflete as lutas internas da segunda metade do reinado de Dom Pedro II: principalmente, a favor dos movimentos abolicionista e republicano. Os escritores sofrem intensa influência de Víctor Hugo, poeta francês, daí o nome “hugoana”. O termo “condoreirismo” é consequência do símbolo de liberdade refletido pelo condor, águia da cordilheira dos Andes que voa livre e alto. Castro Alves, Tobias Barreto e Sousândrade são expoentes desta época.

**a) Antônio Frederico de Castro Alves (1847- 1871)** condensa, em sua produção literária, as características principais do Romantismo, acrescidas da universalização, isto é, amplia os horizontes a novas tendências. A temática de sua obra envolve o amor, a mulher, a morte, o sonho, o “eu”, e também a República, o abolicionismo, a igualdade, as lutas de classes, os oprimidos. Quanto à forma, apresenta traços marcadamente românticos, como os exageros na metáfora, comparações grandiosas, antíteses, hipérboles e apóstrofes.

Distinguem-se, na sua obra, dois aspectos temáticos importantes. A poesia lírico-amorosa evolui da idealização para a concretização das virgens sonhadas pelos românticos da 2ª geração, o amor não é mais tão inatingível ou inacessível; a mulher é individualizada, de carne e osso, sensível e voluptuosa, não mais um “anjo de candura”. A poesia social sofre influência das mudanças internacionais: a Questão Coimbrã, em Portugal; o positivismo de Comte; o socialismo científico de Marx e Engels; o evolucionismo de Darwin, e das mudanças nacionais: a decadência da Monarquia; a luta abolicionista; a Guerra do Paraguai, o pensamento republicano. Espumas flutuantes e Hinos do Equador são coletâneas nascidas de amores vividos e não apenas sonhados. Os escravos reúnem os poemas abolicionistas de maior divulgação: “Vozes d’África” e “O navio negreiro”. Também publicou a peça Gonzaga ou A Revolução de Minas.

**b) Joaquim de Sousa Andrade (1833-1902)** Sousândrade como ele próprio apelidou-se. Canta o nativo americano como herói sacrificado pelos conquistadores. Seus escritos propunham uma crítica social, revelando simpatia às lutas anticolonialistas, em tom de denúncia às contradições do capitalismo, lançou-se à problemática internacional, engajando-se nos grandes temas político-sociais da época.

Harpas Selvagens, A casca da caneleira, Obras poéticas, entre outras, figuram como suas obras; a mais representativa delas é Guesa Errante, poema épico, de treze cantos, quatro deles inacabados. Nele, o autor narra uma lenda do povo Inca, em que um índio é

predestinado a peregrinar, reproduzindo na terra a trajetória do deus-sol dos Incas, por isso, aos quinze anos, deve ser sacrificado. Sua obra traz a contribuição de neologismos em que mistura línguas nativas ao inglês americano.

Mais de meio século depois de criada, sua obra foi redescoberta pelos irmãos Augusto e Haroldo de Campos, que escreveram Revisão de Sousândrade. Este fato vem a confirmar uma previsão do próprio Sousândrade, que comentou: “Ouvi dizer já por vezes que o Guesa Errante será lido cinquenta anos depois; entristeci - decepção de quem escreve cinquenta anos antes”.

#### **4ª PROSA URBANA**

Após a independência e em meio a tantos conflitos sociais, houve a urbanização do Rio de Janeiro, transformado em Corte, criando, assim, uma sociedade consumidora representada pela aristocracia rural, profissionais liberais, jovens estudantes, todos em busca de entretenimento. O jornalismo toma impulso e promove a divulgação em massa de folhetins em que se publicaram muitos dos romances românticos.

A propósito, o romance foi a grande inovação deste período. Antes dele, já existia a narrativa, cuja mais rica representação era a epopéia, que tratava de um mundo heróico e sublime. Também havia a novela, que era uma série de episódios, quase sempre, a respeito dos grandes feitos dos cavaleiros.

O romance do século XIX idealizava o mundo e a sociedade e assim a espelhava; respondia, na maioria das vezes, às exigências do público leitor da época. Os enredos giravam em torno da descrição dos costumes urbanos, ou de amenidades das zonas rurais, ou de imponentes selvagens, apresentando personagens idealizados pela imaginação romântica com os quais o leitor se identificava, vivendo a realidade que lhes convinha.

Cronologicamente, o primeiro romance brasileiro foi O filho do pescador, publicado em 1843, cujo autor é Teixeira e Sousa (1812-1881).

Sua trama é confusa e há sentimentalismo exacerbado. Em 1844, publicou-se A moreninha, de Joaquim Manuel de Macedo, e, pela aceitação obtida junto ao público, convencionou-se adotar esse romance como o primeiro representativo da prosa brasileira.

Feições gerais da prosa romântica:

- ✓ História de amor ligado a casamento;
- ✓ Pintura dos caracteres e costumes da sociedade (normalmente a burguesia carioca);
- ✓ Tensão dramática baseada no choque de classes sociais;
- ✓ Tentativa de fusão da fantasia com a realidade;
- ✓ Presença idealizada da mulher, quase sempre intocável e pura;
- ✓ Tendência para o romance histórico.

Vejamos alguns autores que se dedicaram à prosa urbana:

a) **Joaquim Manuel de Macedo** (1820-1882): foi o escritor da classe média carioca em oposição à aristocracia rural. Seus romances retrataram os costumes da sociedade, suas festas e tradições, com caráter documental, estilo fluente e leve, em linguagem simples; as tramas envolviam intrigas de amor e mistério em final vitorioso e feliz, os personagens eram jovens estudantes idealizados, moçoilas casadoiras, ingênuas e puras. Além de A moreninha, destacam-se também O moço loiro, A luneta Mágica, Os dois amores, O cego, O forasteiro, O fantasma branco e outros.

b) **Manuel Antônio de Almeida** (1831-1861): abandona a visão da burguesia urbana para retratar o povo em toda a sua simplicidade. Publica as Memórias de um Sargento de Milícias, que é o documento da época de D. João VI no Brasil, em que surgiram as transformações da mentalidade colonial para a vida da Corte. Nesta obra, não há somente relato de costumes, mas juízo de valor sobre eles, percebe-se do autor uma preocupação em datar e localizar os acontecimentos. O personagem principal pode ser encarado como herói picaresco que foge ao padrão romântico de bom moço, já que é oriundo da classe popular. Por essas características, alguns estudiosos consideram-no pré-realista, mas apresenta aspectos marcantes do romantismo, como o estilo folhetinesco e a linguagem frouxa, por vezes descuidada, além do final feliz tipicamente romântico.

c) **José Martiniano de Alencar** (1829-1877): aparece na literatura brasileira como o consolidador do romance. Sua obra retrata suas posições políticas e sociais; era conservador, monarquista, escravocrata, proprietário rural, nacionalista. Transparece, em seus livros, a tentativa de fazer um painel do Brasil, cobrindo- o de Norte a Sul, o litoral e o sertão, o presente e o passado, o urbano e o rural, numa linguagem “brasileira”. Por essa diversidade temática, pode-se dividir sua obra em cinco categorias: romances urbanos ou de costumes, romances históricos; romances regionais; romances rurais; romances indianistas.

Em seus romances urbanos, ou de costumes, além de retratar a sociedade carioca na época do reinado de D. Pedro II, Alencar aponta alguns aspectos negativos da vida urbana e dos costumes burgueses. As tramas giram em torno de intrigas de amor e desigualdade econômico-social entre os amantes, em que até pode-se encontrar certa crítica a respeito dos valores burgueses; porém a mensagem final é a mesma: o amor sempre triunfa e, de preferência, a felicidade vem associada ao poder econômico. São exemplos de romances urbanos, ou de costumes, de José de Alencar: Cinco minutos, A viuvinha, Sonhos d'ouro, Encarnação e os três perfis de mulher: Lucíola, Diva e Senhora. Romances Indianistas: O guarani, Iracema e Ubirajara. Romances Regionalistas: O sertanejo e O gaúcho. Romances Rurais: “Til” e O tronco do Ipê.

### **5ª PROSA REGIONALISTA E INDIANISTA**

O romance brasileiro do século XIX também explorou a temática regionalista e indianista. Abaixo, citamos alguns autores dedicados ao romance regionalista e voltamos a José de Alencar que explorou, além do regionalismo, o indianismo.

a) **Joaquim da Silva Bernardo Guimarães** (1825-1884): participou do grupo “mal do século” a que pertencia Álvares de Azevedo, mas, depois, retirou- se para o interior e produziu obras enfocando a natureza e os conflitos sociais. Seus personagens estilizados representam a própria temática de seus livros; eram eles o sertanejo, o mestiço, o garimpeiro, o padre do interior, o estudante de seminário, o índio e a escrava, todos contextualizados na região de que provinham. São suas obras: A escrava Isaura, O garimpeiro, O seminarista, O ermitão de Munquém, Maurício e Jupira.

b) **João Franklin da Silveira Távora** (1842- 1888) retratou figuras típicas do nordeste, como o vaqueiro, o matuto, o cangaceiro, seu modo de vida, sua psicologia e a paisagem em que se inseriam. Tem sua importância confirmada por criar o romance regionalista nordestino, em

busca de uma literatura nacional com feitos heróicos, tradição e poesia próprios. Seus títulos são: O cabeleira, Lourenço, O matuto e Um casamento no Arrabalde (novela).

c) **Alfred d'Escragnolle Taunay – Visconde de Taunay** (1843-1899) foi militar, participou da Guerra do Paraguai. Com *Inocência*, marca o limite entre Romantismo e Realismo, pois, apesar de sua concepção do amor ser romântica, percebe-se, já, a profundidade psicológica e proximidade com o real em suas descrições; a heroína sofre por amor e morre, sem concretizá-lo, o que destoa dos finais românticos tradicionais, desta feita, alguns estudiosos julgam-no pré-realista. Também escreveu: *Manuscrito de uma mulher*, *Ouro sobre azul*, *A mocidade de Trajans*, *Amélia Smith*.

Como já ressaltamos, analisaremos as outras categorias do romance de José de Alencar, além do romance urbano ou de costumes.

As obras regionalistas de Alencar: *O sertanejo* e *O gaúcho* mostram o relacionamento entre o homem e o meio físico. Na paisagem nordestina, nota-se o autor mais desenvolvido e próximo ao real, conhecedor da região e do homem. Já na região sul, há idealização e falhas na descrição do ambiente, fruto do desconhecimento. A sua tentativa de fazer um “painel” do Brasil não o desvia da idealização dos personagens que são moldados sob o conceito do “bom selvagem”.

A categoria dos romances rurais não dispensa o caráter regionalista, mas são obras voltadas para o meio rural, ambientadas em fazendas do interior de São Paulo e norte do Rio de Janeiro. *Til* e *O tronco do Ipê* encaixam-se nesta classificação. Mas foram os romances indianistas que trouxeram maior popularidade a Alencar: *O guarani*, *Iracema* e *Ubirajara*. Neles, o autor defende a troca de favores entre o nativo e o europeu colonizador: o primeiro oferecia a natureza virgem, o solo esplêndido, o segundo, a cultura. Da soma desses fatores, resultaria o Brasil independente, novo povo, fruto da convivência entre colonizadores e colonizados. Porém, nesta relação, Alencar deixa transparecer as relações medievais entre o branco e o índio, respectivamente, senhor e vassalo.

Além do indianismo, que reflete o nacionalismo e a exaltação da natureza pátria, há a preocupação histórica, pois percebe-se a pesquisa do autor em documentos quinhentistas e sobre costumes e lendas indígenas. Os personagens indígenas são idealizados, como nos romances europeus: Peri é civilizado, tido como super-herói de romances europeus medievais de cavalaria; *Iracema* é o símbolo do primeiro nativo em contato com o branco colonizador e dela nasce o primeiro brasileiro fruto desse amor, de acordo com a lenda do surgimento do Ceará. *Ubirajara* é o índio em seu estado mais puro e idealizado.